

Iman Yusuf, Ex-Católica, EUA

(parte 1 de 4)



A conversão ao Islã por qualquer ser humano é sempre causa de admiração e a maior misericórdia que Allah pode conceder aqueles que Ele ama. Em meu caso, foi muito mais. Foi verdadeiramente um milagre, alhamdulillah (todos os louvores são para Deus).

Antes de sequer conhecer a palavra Islã ou o que exatamente era um "muçulmano", Allah me guiou através de minha *fitrah* (natureza inata dada por Deus) para deduzir - com meu coração e mente - exatamente como Ele queria que eu vivesse. É uma história surpreendente e todos os louvores são para Aquele que me guiou.

Começando no verão de 1981, essa dádiva do Islã me foi concedida lentamente em um período de um ano, durante o ponto mais baixo e desafiador de minha vida.

Nasci e cresci nos EUA, mas meus bisavós eram da Alemanha e Áustria.

Era uma católica romana devota - devota em praticar plenamente e acreditar de todo o coração em minha fé. Meu casamento estava fracassando, principalmente devido ao fato de meu marido não só não ser católico, mas ser um ateu.

Embora isso me incomodasse, não foi motivo para problemas sérios em meu casamento até após o nascimento de minha filha em 1979. A partir daquele ponto, tornou-se uma fonte constante de frustração e dor.

Embora ele tivesse concordado que ela fosse batizada, não estava disposto a vê-la ser educada em qualquer religião. Nenhuma discussão o fazia ceder, nem lembrá-lo de que quando se casou comigo assinou um documento na igreja prometendo que os filhos nascidos desse casamento seriam educados como católicos.

Ele simplesmente recusava a ideia de que ela crescesse acreditando em qualquer deidade ou fé e, de fato, começou a ironizar não somente minhas crenças, mas a Deus também.

Agendei uma reunião com um padre que conhecia há muitos anos, na esperança de que ele pudesse me orientar nesse assunto. Ele me ofereceu pouco conforto. Senti que não levou o assunto tão a sério quanto eu.

Parecia mais preocupado em salvar meu casamento do que com a questão da fé de minha filha. Não consegui entender a dor que sentia toda vez que ouvia meu marido amaldiçoar ou debochar de Deus.

Nem compreendeu o quanto seria devastador para minha filha, que receberia uma mensagem terrivelmente misturada durante seu crescimento. Temia que chegasse o dia em que meu marido fosse nos impedir de ir à igreja.

De alguma maneira nossa conversa tomou outra direção e começamos a discutir os princípios do Catolicismo. Embora não lembre dela agora, fiz uma pergunta sobre a trindade.

Recebi a resposta padrão... três Deuses em uma pessoa divina. Quando pressionei para aprofundarmos o assunto, o padre ficou muito agitado e me informou que se eu precisava fazer perguntas desse tipo, era porque não tinha fé alguma.

Embora possa entender sua reação agora - era devido ao fato de não ter explicação melhor para esse "mistério" do que eu, na época fiquei chocada e magoada.

Senti como se tivesse sido literalmente expulsa da igreja. Com uma pergunta inocente e o desejo de me aproximar de Deus, tinha sido considerada uma pessoa sem qualquer fé.

Saí rapidamente e pensei muito sobre os comentários do padre. Simplesmente me recusei a aceitar sua opinião a meu respeito. Sabia que era uma pessoa de grande fé e confiança em Deus e nenhum humano me convenceria do contrário.

Mas a partir daquele momento não me considerei mais uma católica. Havia muita turbulência na igreja na época e as pessoas estavam deixando em massa a religião. Embora nunca tivesse imaginado ser uma delas, de repente, passei a ser.

Sem olhar para trás, fui em busca da verdade. Tentei por um breve tempo apenas ler e estudar a Bíblia - um livro do qual surpreendentemente tinha pouco conhecimento. Os católicos focam mais no catecismo da igreja do que na leitura da Bíblia.

Achei a Bíblia difícil de entender, desconexa e com pouca orientação sobre como devia viver minha vida cotidiana. Para mim parecia mais um livro de histórias.

Na esperança de estar errada, contatei uma igreja cristã local e perguntei se poderia participar das aulas de religião. Minha primeira exposição a eles foi também a última. Eram evangélicos e focavam muito em "falar em línguas" e receber a "dádiva" do Espírito Santo.

Era demais para mim. Precisava de uma religião que pudesse manter constantemente em meu coração, não algo que tivesse que evocar com espíritos e línguas mortas.

Depois disso me voltei para o estudo do Judaísmo, que sempre me disseram ser a primeira e "verdadeira" religião do homem. Logo me vi excluída desse clube também, porque não nasci de uma mãe judia.

Embora a conversão fosse possível, geralmente não era aceita pelos judeus, especialmente os ortodoxos. Além disso, a crença dos judeus como povo escolhido de Deus me incomodava seriamente.

Não podia imaginar um Deus que fez Sua religião disponível apenas para aqueles que nasceram nela e que então, independente de seus atos - bons ou maus, seriam as únicas pessoas admitidas no paraíso com base em um direito de nascimento. Não parecia justo e estava certa de que Deus era justo.

E assim começou um turbilhão de estudos de toda religião que pudesse encontrar. Hinduísmo, Budismo, Tao, Confúcio, Hare Krishna... Estudei todas e as rejeitei cada vez mais rapidamente. Analisei tudo, exceto o Islã. Nem sabia que ele existia.

E entendo a razão pela qual Allah me permitiu investigar as outras crenças primeiro. Para que quando finalmente encontrasse o Islã, estivesse 100% certa de que era a única religião verdadeira.

Nesse ponto estava muito deprimida. Estava no meio dos procedimentos para o divórcio e de volta para casa, cuidando de meu avô doente. Minha querida avó, minha melhor amiga em todo o mundo e verdadeiramente a única "mãe" que conheci, havia morrido de forma inesperada no inverno anterior e minha mãe não estava interessada em minha busca por iluminação. Sentia-me muito só.

Estava tentando conciliar o retorno à universidade em tempo integral, uma filha ativa, um avô doente, trabalho doméstico e, o pior de tudo, minha distância de Deus. Não tinha mais crenças, apenas o conhecimento de que havia um Deus. Era uma folha em branco.

Com toda noção prévia de Deus eliminada, exceto pela certeza de que Ele existia e com base apenas nisso, orei a Ele continuamente e sempre implorei por Sua orientação.

Depois de um período agonizante de alguns meses, tentei pensar logicamente em minha jornada para encontrá-Lo. Se havia um Deus, raciocinei, certamente Ele tinha Seu próprio jeito único no qual queria que nós O conhecêssemos.

Uma maneira na qual pudéssemos verdadeiramente adorá-Lo e nos conectarmos com Ele, fazendo Dele uma parte constante de nossas vidas diárias, não apenas algo para se ocupar uma vez por semana e colocar de lado pelo restante da semana.

Mas acima de tudo, em minha mente disse a mim mesma, Um Deus, Um Caminho. Todas essas religiões reivindicando Deus e, ainda assim, tantos caminhos divergentes. Não, não podia aceitar que havia qualquer caminho para Deus, mas sim um caminho. Precisava apenas encontrar esse caminho.

(parte 2 de 4)

Além disso, deduzi que o caminho de Deus tinha que ser para todas as pessoas, para todas as épocas. Ninguém era especial, ninguém era escolhido, ninguém era excluído. Nenhum de nós vivos, aqueles que se foram antes de nós, nem aqueles que viriam depois.

Não podia acreditar em um Deus misericordioso se Ele não havia feito Sua religião conhecida para a humanidade desde o início dos tempos. De alguma forma, de volta ao começo, desde a criação de Adão, sabia que tinha que haver um "segredo". Algo que eu tinha deixado passar desde o início e que era a chave para tudo.

Havia problemas em minha família. Meu irmão, mais novo que eu, já era um alcoólatra. Era mentalmente instável e dado a acessos de fúria. Minha mãe, entretanto, sempre ficava do lado dele em qualquer confronto. Estava extremamente estressada. Tive que desistir da universidade porque não conseguia me concentrar adequadamente em meus estudos.

Também detestava ter que deixar minha filha na creche para frequentar as aulas. Queria cuidar dela em tempo integral. Meu avô piorava a cada dia - uma manhã bem cedo depois de minha mãe sair para o trabalho ele colocou fogo em sua cadeira ao deixar cair um cigarro aceso entre as almofadas.

Pensei que estava sonhando quando ouvi o toque do sinal de alarme de fumaça na casa. Nem mesmo o cheiro acre da fumaça me acordou. Foi minha filha chamando "mamãe, mamãe" que finalmente me fez levantar e sair da cama.

Abri a porta do meu quarto e vi uma casa cheia de fumaça. Peguei minha filha do berço, acordei meu irmão e saímos da casa. Os bombeiros chegaram, mas até lá meu irmão já tinha carregado a cadeira em chamas para o jardim.

Primeiro teve que tirar meu avô do caminho, porque ele estava sentado no chão na frente da cadeira, tentando apagar o fogo batendo na cadeira com uma régua. Era óbvio que meu avô agora precisava de mais supervisão do que qualquer um de nós podia dar.

Foi nessa época que minha mãe começou a pensar seriamente em colocá-lo em um asilo. E, assim, meus "serviços" não seriam mais necessários. Ela me disse de maneira inequívoca que eu devia me mudar. Não havia lugar para mim ou minha filha na vida dela...

Sem vovô para se preocupar e meu irmão saindo para se embriagar a maior parte do tempo, minha mãe descobriu que teria mais tempo para passar em privacidade com seu namorado. Senti que era hora de "viver a vida dela do jeito que quisesse".

Estava petrificada. Meu marido e eu ainda estávamos no processo de divórcio. Não podia receber auxílio social enquanto continuasse casada com ele. Se tentasse, eles iriam primeiro atrás dele para pensão de minha filha - algo do qual não tinha visto um centavo.

Ele me ameaçou dizendo que se tentasse pegar pensão dele, ele lutaria pela custódia de nossa filha. A amante dele estava por trás, encorajando-o. Não sabia como poderia sobreviver, a menos que conseguisse um emprego. E isso significava colocar minha filha na creche novamente.

Era uma agonia sentir-se tão sozinha e sem solução à vista. Estava começando a sentir como se fosse a única pessoa sã no meio de toda a insanidade, embora às vezes até questionasse isso.

A sensação era de ser um prego quadrado sendo colocado em um buraco redondo. Não parecia me encaixar na família depois que minha avó morreu e estava lentamente sendo empurrada para fora dela totalmente. Em desespero, me voltei para Deus novamente, implorando por respostas para meus problemas.

Um dia me vi sozinha em casa. Minha filha estava com o pai dela e minha mãe e irmão tinham ido a algum lugar. No silêncio de meu quarto senti uma enorme vontade de orar. Mas como? Parei no meio de meu quarto sem saber por onde começar.

Parei como se estivesse ouvindo, tentando encontrar alguma orientação nesse assunto simples de como orar. Veio-me a ideia de que para conversar com Deus, devia estar limpa. Como se tomada por uma força além do meu controle, fui para o banheiro para tomar banho. Tomei banho dos pés à cabeça.

Ao retornar ao meu quarto, mais uma vez fiquei de pé, esperando algo ou Alguém, me dizer o que fazer em seguida. Mais uma vez, fui guiada na direção da resposta - senti a necessidade de me cobrir - completamente.

Usar um robe de mangas compridas na altura dos tornozelos não era suficiente. Senti que tinha que cobrir meu cabelo também. Enrolei um lenço comprido em volta de minha cabeça e olhei para o espelho, me sentindo estranhamente confortável com minha aparência. E embora não tivesse ideia do que era uma muçulmana ou de como se vestia, lá estava eu, basicamente usando o hijab.

Qualquer pessoa que conhecesse o Islã pensaria que eu era uma muçulmana me preparando para a oração. Mas glória a Deus, naquela época, ainda não sabia nada sobre o Islã.

Então lá estava eu vestida para a oração e sem ter ideia do que fazer em seguida. Voltei-me para a janela e fiquei lá, olhando para fora naquele dia ensolarado. O que viria a seguir? Não queria me ajoelhar - era muito parecido com a igreja.

Senti que precisava ser humilde perante Ele. Queria estar em uma posição de completa submissão ao meu Criador (lembre dessa palavra submissão - é importante). A única ideia em minha mente foi deitar no chão.

Novamente aquilo invocou as imagens da igreja, quando futuros padres e freiras faziam seus votos e se deitavam no chão, braços estendidos ao lado, basicamente na forma de uma cruz. Por mais que quisesse me humilhar totalmente perante meu Criador, não tinha ideia de como fazê-lo.

Finalmente me veio o pensamento de que devia me ajoelhar e colocar meu rosto no chão. Antes de fazer isso, entretanto, percebi que o chão podia não estar limpo o suficiente e apesar de meu quarto estar limpo, senti a necessidade de prostrar em algo que tivesse certeza de estar puro.

Ao lado do berço de minha filha havia um pequeno cobertor que eu havia feito de crochê para seu carrinho de bebê. Era, percebi depois, exatamente do tamanho de um tapete de oração islâmico. E estava recém-lavado! Então, peguei o cobertor e o coloquei na minha frente sobre o carpete.

E surpreendentemente aprendi depois que era a direção exata da Caaba, a direção para a qual os muçulmanos se voltam para oração. Satisfeita de que tudo estava bem, dobrei meus joelhos, apoiei a parte superior do meu corpo sobre minhas mãos e coloquei meu rosto no chão.

Fico com lágrimas nos olhos e um arrepio percorre meu corpo quando lembro daquele dia. Vejo-me naquele quarto, naquela posição e percebo que estava claramente vestida e orando como uma muçulmana. *Subhan Allah* (Allah está

livre de toda imperfeição) como Deus foi misericordioso em me guiar dessa forma!

Naquela posição, sentindo como se finalmente tivesse me conectado com Deus, chorei e implorei a Ele várias vezes para me mostrar a maneira que Ele queria que eu acreditasse... a maneira que Ele queria que eu vivesse.

As lágrimas não paravam. Finalmente senti como se tivesse encontrado uma verdade maior naquele dia. Só precisava preencher as lacunas. E graças à orientação e misericórdia de meu Senhor glorioso, logo encontraria todas as respostas.

Como minha mãe continuava considerando um asilo para meu avô e eu era ainda forçada a procurar um novo lugar para viver, chegou o Dia de Ação de Graças e eu ainda estava em casa.

(parte 3 de 4)

Minha mãe ficou ocupada com as preparações para o feriado e, de alguma forma, externamente os dias passaram de forma pacífica. Mas em minha mente não esqueci por um minuto minha busca para encontrar minha religião.

Depois do Dia de Ação de Graças a rodada usual de festas cristãs começou e fui convidada por uma amiga para participar de um encontro de estudantes universitários em um restaurante local. Éramos um grupo grande e no jantar me vi sentada ao lado de um homem da Nigéria, que estava trabalhando em seu doutorado na Universidade de Pittsburgh.

Estava fascinada com sua vestimenta - um traje típico nigeriano - sua cabeça coberta com o que parecia ser uma versão maior do solidéu judaico. Ele tinha um rosto gentil e um sorriso resplandecente e começamos a falar sobre escola.

Quando chegou a hora de pedir o jantar, ele perguntou se podia ajudá-lo com o menu. "Não posso comer porco e nem álcool", explicou e concordei com satisfação. Depois de pedirmos nossas refeições perguntei a ele por que ele não consumia porco ou álcool. "Por causa de minha religião", respondeu ele, sorrindo.

"E que religião é essa?" Perguntei-me em voz alta. "Sou muçulmano", respondeu.

Luzes, sinos e apitos dispararam em minha cabeça. Percebi que dessa eu nunca tinha ouvido falar antes. Estava muito ansiosa para ouvir mais. Já tendo pesquisado e estudado toda crença sob o sol, sabia exatamente o que queria perguntar.

"Por favor, se não se importa, me diga qual é a principal crença de sua religião? Qual o ponto que você diria que melhor descreve sua religião?" Sem

hesitação, sorriu novamente e disse: "Acreditamos que só existe um Deus. Deus não é parte de uma trindade, nem tem um filho. Não tem parceiros. Deus é Único."

Soava tão simples. Não tinha problemas em relação a isso. Disse a ele que fazia sentido para mim. De novo ele sorriu. Então perguntei a ele como sua religião via as mulheres. Qual era a condição delas em suas crenças?

Tendo sofrido como mulher em uma sociedade na qual minha religião fornecia pouca orientação - ou respeito - para as mulheres, prenda a respiração esperando sua resposta. Queria tanto ouvir algo que me satisfizesse!

Mais uma vez ele foi rápido na resposta. "As mulheres no Islã são iguais aos homens. Têm basicamente o mesmo status e obrigações que os homens. E recebem as mesmas recompensas e punições. Entretanto, ser igual não significa ser o mesmo. Homens e mulheres foram criados diferentes uns dos outros. São iguais, mas diferentes."

Queria saber como as diferenças se manifestavam. Ele respondeu. "No casamento, por exemplo... embora a mulher muçulmana tenha muitos direitos - talvez mais direitos que um homem - ser sustentada completamente, também é exigido dela que obedeça o marido dela."

"Obedeça o marido dela? Hummmm. O que isso significa?" Ele começou a rir. Estava claro que já tinha passado por isso antes. "Significa", explicou pacientemente, "que se uma decisão tiver que ser tomada pelo bem do casamento ou da família, embora o homem deva consultar sua esposa e pedir a opinião dela, a decisão final é dele."

Veja da seguinte forma - como se o casamento fosse um navio navegando no mar. Um navio só pode ter um capitão que em última instância é responsável por bem-estar. Um navio com dois capitães afundará."

Ele se recostou na cadeira e esperou minha resposta. Não podia pensar em qualquer argumento contra o que ele disse. Fazia sentido para mim. Sempre tinha sentido, bem no fundo, que o marido devia ter a responsabilidade final pela família. Estava satisfeita - mais que satisfeita, na verdade - a felicidade lentamente se transformou em euforia e perguntei cada vez mais excitada sobre o Islã.

Tudo que ele me disse fez todo o sentido para mim. E no meio da extrema alegria e paz que senti, também me perguntei como nunca tinha ouvido falar do Islã antes? *Subhan Allah*, tudo acontece na hora de Allah.

Perguntei como eu poderia aprender mais sobre essa religião e ele gentilmente se ofereceu para me colocar em contato com muçulmanos em sua mesquita, que poderiam me dar um Alcorão e responder quaisquer perguntas que eu tivesse. Ele

pegou o meu telefone e prometeu me ligar. Estava em êxtase. Mal podia esperar! Era sexta-feira, 3 de dezembro de 1982.

Na segunda-feira seguinte estava nos degraus da biblioteca local, esperando que abrisse. Peguei todos os livros sobre o Islã que, infelizmente, naquela época eram poucos e não muito precisos também, mas não percebi isso na época.

Quando abri o primeiro livro, a introdução dizia: "Islã significa submissão à vontade de Deus..." Incrível! Aqui está aquela palavra "submissão"! Exatamente a palavra que eu mesma usei antes de saber qualquer coisa sobre isso.

Só sabia que era necessária a submissão completa e total ao caminho de Deus, se quisesse alcançar a paz. Naquele instante soube que tinha encontrado a verdade. Devorei os livros e aguardei ansiosa por Ahmad - o nigeriano - me contatar novamente. Fiel à sua palavra, ele o fez.

Recebi o número da mesquita e um nome de contato. Tremendo de excitação disquei, orando que alguém respondesse. E alguém o fez. O homem que atendeu minha ligação disse em um sotaque estrangeiro carregado que a pessoa por quem estava procurando não estava no momento.

Inabalável, expliquei que estava muito interessada em aprender mais sobre o Islã. Imediatamente ele me deu as boas vindas e forneceu o endereço, me convidando para ir até lá naquele momento falar com ele e receber uma cópia do Alcorão!

Estava excitada demais. Marquei uma hora para aquele dia, mais tarde, e ansiosamente me preparei com minha filha para o encontro.

Agora acho graça ao pensar em mim mesma naquele dia. Queria estar com excelente aparência. Então coloquei um terninho, encaracolei meus cabelos, coloquei maquiagem e perfume e vesti minha filha de 1 ano com seu melhor vestido!

Sabia que estávamos embarcando em uma nova vida. Minha filha e eu - juntas - éramos um time! Quando cheguei e entrei no prédio a primeira pessoa que encontrei foi uma muçulmana usando niqab. Achei-a bonita e com um visual exoticamente estrangeiro. Disse a ela que estava ali para encontrar um homem chamado Abdul Hamid.

Ela graciosamente me encaminhou na direção de uma escadaria. "Você o encontrará no escritório no topo das escadas", disse ela em inglês perfeito, o que me surpreendeu. Tinha ainda que aprender que o Islã não era uma religião "estrangeira" ou que era a religião que mais crescia no mundo. Havia tanta coisa que ainda não sabia. Mas uma coisa era inquestionável: estava no caminho certo.

Quando entrei no escritório todas as cabeças se voltaram na minha direção e então todos os olhos foram abaixados. Ninguém me olhou nos olhos. Mas todos começaram a sorrir! Sorrisos calorosos, felizes e sinceros.

(parte 4 de 4)

Um homem caminhou na minha direção, falando uma língua estranha. Mais tarde descobri que ele estava dizendo “Masha’Allah, masha’Allah” quando veio e pegou minha filha dos meus braços. "Como ela é bonita" exclamou e a introduziu aos outros homens.

Por alguma razão não senti medo dessa pessoa estranha pegando minha filha. Ele a sentou em cima de uma mesa e deu a ela canetas, lápis e um grampeador - qualquer coisa que pudesse distraí-la, sempre sorrindo e tentando fazê-la falar. Os outros homens se reuniram ao redor dela também e finalmente Abdul Hamid veio me saudar.

Ofereci minha mão, mas ele fingiu não ver - ah, ainda havia tanta coisa a aprender sobre a etiqueta islâmica entre os sexos - e começou a me perguntar como eu tinha descoberto o Islã. Falei rapidamente sobre Ahmad, o nigeriano, e ele continuou explicando o básico do Islã para mim.

Passou-se ao menos uma hora e então ele me deu uma cópia do Alcorão, pedindo que o levasse para casa e tomasse um banho antes de abri-lo. Rapidamente concordei. Ele me disse que o horário da oração estava próximo e que precisava se preparar.

Agradei, mas tinha um pedido final. Queria assistir à oração. Tendo sido casada com um ateu, por alguma razão estava muito interessada em assistir esse homem orar. Sempre senti que um homem não era um homem de verdade, a menos que orasse a Deus.

Abdul Hamid me disse que eu podia assistir a oração na parte de trás da mesquita, mas que por favor não fizesse nenhum barulho. Novamente concordei e descemos as escadas, onde ele me colocou na parte de trás de um espaço vazio decorado apenas com um belo tapete e um nicho na parede. Aquele nicho, aprenderia depois, marcava a direção para a oração.

Enquanto observava os homens entrarem, fui surpreendida por um barulho forte - era a chamada para a oração. Allahu akbar, Allahu akbar! Enquanto ouvia senti como se água gelada estivesse correndo em minhas veias. Era como se todo o meu ser fosse acordado por esse chamado forte e magnífico.

Embora não entendesse uma palavra, senti que falava comigo. Lágrimas encheram meus olhos e comecei a tremer. Cruzei meus braços e me abracei, tentando me aquecer e acalmar.

As lágrimas correram enquanto observava os homens primeiro se curvarem e depois se prostrarem em oração, justo como eu tinha feito tanto tempo atrás naquele dia ensolarado em meu quarto. Estava assombrada. Estava feliz e emocionada demais. Mais que isso... estava em casa!

Durante as poucas semanas seguintes encontrei mais muçulmanos na mesquita e tive lições sobre o Islã. Comecei a costurar roupas ao estilo islâmico para mim, embora as usasse somente em meu quarto quando tentava orar sozinha.

Comecei a mudar. Parei de consumir bebida alcoólica e me recusei a comer porco. Minha personalidade mudou. Fiquei mais quieta e calma. Estava em paz. Minha mãe perguntou sobre a minha mudança. Achou que eu estivesse deprimida. "Você não ri mais", disse ela. Tentei explicar que estava muito feliz - apenas de uma maneira mais quieta.

Finalmente tomei coragem e contei a ela sobre o Islã. Até mostrei as roupas que tinha costurado e fiz a modelagem de uma roupa para ela. Ela ficou furiosa. Odiou as roupas instantaneamente.

Minha mãe sempre tinha sido uma mulher que andava na moda. Ridicularizou a simplicidade das roupas e o fato de serem largas. Achou que pareciam sacos. Seus comentários indelicados me magoaram, mas não me dissuadiram. Nada me separaria do Islã.

Meu último Natal antes de dizer a Shahadah foi um pesadelo. Mesmo durante aquele período sabia que essa era a maneira de Allah me tirar das trevas da falsa crença sem boas lembranças. Ainda assim, foram dias difíceis.

Minha mãe estava zangada comigo por não participar do feriado e meu irmão, bêbado como sempre, destruiu alguns dos meus pertences em um acesso de fúria e ameaçou me matar.

Antes ele havia entrado em meu quarto e me visto com a vestimenta islâmica. Embora não fosse religioso - nem ia à igreja - também ficou furioso com minha decisão de me tornar muçulmana.

Quanto mais ficavam com raiva, mais certa ficava de estar fazendo a coisa certa. Simplesmente não queria mais viver o tipo de vida que viviam.

Depois de alguns meses, fiz minha profissão de fé. Uma noite de sexta-feira na primavera, me tornei muçulmana. Com gratidão e humildade aceitei a dádiva do Islã.

Minha mãe insistiu que deixasse a casa dela. Mas Allah em Sua infinita misericórdia tinha arranjado um lar para mim. Na noite em que fiz a Shahadah, um egípcio que a tinha testemunhado perguntou a meu respeito para casamento.

Meu wali (guardião) - o homem que tinha tomado minha filha de meus braços em minha primeira visita à mesquita - perguntou minha opinião. Minha única preocupação é que ele fosse um bom crente. Meu wali já tinha checado e ele era.

Dentro de 10 dias estava casada e morando com minha filha em meu novo lar com meu novo marido. Ele criou minha filha como se fosse sua e, alhamdulillah, tivemos dois filhos depois disso.

Passaram-se 26 anos desde que fui abençoada em viver minha vida como muçulmana. Os anos passaram tão rapidamente. Nem sempre foram fáceis, mas apesar disso foram abençoados.

Allah testa aqueles que Ele ama, mas como Ele diz no Alcorão... "com a dificuldade vem a facilidade." E isso se provou verdadeiro.

Enquanto isso, minha mãe - que se separou de mim por muitos anos - está agora morando comigo em um país islâmico e usando o hijab voluntariamente! Tenho esperança de que ela também aceitará o Islã em breve, insh'Allah (pela vontade de Allah).

Apesar dos tempos difíceis, não posso imaginar viver minha vida de outra maneira. Agradeço a Allah todos os dias pela misericórdia de Sua orientação e por essa jornada milagrosa das trevas para a luz do Islã.